



# Um estudo sobre as obras de Alberto Manguel acerca de leitura e literatura: contribuições à formação de professores e de estudantes da escola básica

**Palavras-Chave:** Leitura e literatura, Constituição do sujeito leitor, Experiência de leitura

**Autores(as):**

Mariana Marques Corrêa, FE – UNICAMP

Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Cláudia B. de C. N. Ometto (orientadora), FE – UNICAMP

---

## INTRODUÇÃO:

Este projeto está vinculado à linha de pesquisa “Linguagem e Arte em Educação”, do Grupo Alfabetização, Leitura, Escrita e Trabalho Docente na Formação de Professores – ALLE/AULA, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e, mais especificamente, a um projeto coordenado pela orientadora desta proposta, que busca compreender a interface entre a formação de professores e as práticas de leitura literária na escola, em salas de aula ou salas de leitura escolares, com ênfase sobre a mediação do professor e o desenvolvimento de projetos de trabalho coletivo. Destaca-se que os professores explicitam, em contextos de cursos de formação, suas concepções de leitura e literatura, marcadas pelos contextos da formação inicial e também da formação continuada. Posto isto, o objetivo da presente iniciação científica será identificar nas obras (editadas em português) de Alberto Manguel, as funções da leitura e contribuições da leitura literária para a formação dos sujeitos e, em especial, buscar relacionar as experiências de leitura ao desenvolvimento pessoal e profissional de professores, extraindo lições para as práticas de formação inicial e continuada de professores. Embora sua obra não trate especificamente das contribuições da leitura e da literatura para a formação de professores (estudantes de licenciaturas e professores em formação continuada), seus ensaios podem contribuir para que formadores de professores extraiam lições importantes para o planejamento e encaminhamento de práticas de formação docente. A ideia de que “toda biblioteca é uma autobiografia” (MANGUEL, 2011) refere-se ao conjunto de possibilidades inscritas em cada um de nós.

## METODOLOGIA:

Para a realização dessa pesquisa, de natureza bibliográfica, a pesquisadora fez a leitura e sistematização das obras relacionadas à temática e publicadas pelo autor em português:

- ✓ A biblioteca à noite (Companhia das Letras, 2006);
- ✓ A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos (Companhia das Letras, 2008);
- ✓ A mesa com o chapeleiro maluco (Companhia das Letras, 2009);

- ✓ Dicionário de lugares imaginários (Companhia das Letras, 2003);
- ✓ Ilíada e a Odisseia de Homero (Companhia das Letras, 2008);
- ✓ Lendo imagens (Companhia das Letras, 2001).
- ✓ No bosque do espelho: ensaios sobre as palavras e o mundo (Companhia das Letras, 2000).
- ✓ O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça (Editora Sesc, 2017)
- ✓ Os livros e os dias: um ano de leituras prazerosas (Companhia das Letras, 2005);
- ✓ Todos os homens são mentirosos (Companhia das Letras, 2010)

O estudo levantou, também, os principais artigos de demais interlocutores que contribuam com a explicitação de suas ideias. A sistematização foi feita através de resumos das obras e apontamentos dos principais aspectos destacados nos textos no que se refere (i) às funções e contribuições da leitura – e da leitura da literatura – na constituição dos sujeitos; (ii) aos processos de mediação das/nas práticas de leitura, quer seja na formação inicial e/ou continuada de professores e, por consequência, de estudantes das escolas públicas de educação básica. Foram, também, levantados artigos de demais interlocutores que contribuam com a explicitação das ideias do autor Alberto Manguel. A pesquisa foi realizada através de palavras-chaves, tanto no Banco de Teses e Dissertações (CAPES) quanto em outros sites que catalogam tais trabalhos, como por exemplo, o Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos da UNICAMP (PPEC). Sistematizando as ideias do autor, a apresentação do relatório final será analisada a luz dos referenciais por nós assumidos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Analisando a principal ideia defendida por Manguel (2006), de que “toda biblioteca é autobiográfica” (p.162), a ordem das prateleiras, a seleção dos temas, a história de cada livro e de cada página vai apontar para um leitor singular. Porém, o que vai tornar “uma biblioteca um reflexo do seu proprietário não é apenas a seleção de títulos, mas a trama de associações implícita na seleção” (p.163). Isso acontece pois cada experiência que temos vai elaborando novas experiências, então nossos livros dependem de outros livros e de outras leituras, que os modificam e enriquecem. O universo que existe nas bibliotecas é tão singular e inconcebível, pois, como a nossa mente, reflete a si mesmo, “multiplicando-se geometricamente a cada novo reflexo” (p.163).

Tal como Manguel, Ometto (2010) em diálogo com a teoria enunciativa de Bakhtin, analisa como a prática de cotejamento de textos está presente nas propostas pedagógicas que assumem uma postura dialógica nos momentos de leitura em sala de aula. Para ela, a relação que cada leitor estabelece com o texto é sempre mediada por outros textos, de maneira que em sua atividade de elaboração dos sentidos de uma obra, cada um vai desenvolvendo a partir do cotejamento dos sentidos que já o constituem. Dentro desta perspectiva dialógica de leitura, os sentidos nunca estão completamente prontos, uma vez que eles vão sendo produzidos e construídos no encontro.

Em vista disso, na perspectiva do dialogismo, as propostas de leitura que são realizadas dentro das escolas não devem assumir uma postura que considere existir uma leitura certa e outra errada das obras, mas, sim, leituras aceitáveis, que são analisadas de acordo com as condições de produção. Considerando que “a explicitação e o cotejamento dos sentidos são também uma condição para a participação aberta dos alunos como co-enunciadores, na

produção do sentido do texto” (OMETTO, 2010, p.35). Discute, ainda, a importância do docente fornecer espaços nos quais as crianças tenham a liberdade de cotejar vivências anteriores e compartilharem as reverberações causadas pela leitura, para que a prática pedagógica se faça cada vez mais dialógica e aberta para novas criações a partir daquilo que as crianças elaboraram.

Contudo, infelizmente, não é assim que os livros e as bibliotecas são conhecidos atualmente. O ato da leitura, em nossa sociedade, que outrora foi considerado útil, importante e, até mesmo, perigoso e subversivo, é hoje visto como apenas um passatempo lento, que não contribui para nada – além de muitas pessoas acharem que os livros não são para elas. Um ponto muito importante que é defendido por Manguel é como a tecnologia trouxe novas dinâmicas; em que, hoje, o leitor entra na web, que vai oferecer mais velocidade que reflexão e mais brevidade que complexidade, com isso, há, cada vez mais, pessoas que vão preferindo fragmentos de notícias a discussões mais longas e sem questionamentos. Ele enfatiza que a internet é um instrumento, que não deve levar a culpa por nossa preocupação superficial com o mundo em que vivemos.

A censura dos livros é outro tema abordado por Manguel; ele enfatiza como os poderosos temem às “virtualidades subversivas da palavra escrita” (p.109), uma vez que as bibliotecas, por sua mera existência, não apenas afirmam, mas também questionam a autoridade dos poderes constituídos. Atualmente, os métodos de censura governamental são menos drásticos do que alguns períodos anteriores de nossa história, mas, ainda assim, são presentes e eficientes. Os censores sabem que os leitores se definem pelos livros que leem, então porque eles vão aceitar livros que questionem, argumentem e lute contra aquilo que está instituído. Uma das tarefas da leitura é permitir que as experiências e memórias da humanidade continuem vivas, por esse motivo, os governos autoritários tentam suprimir toda essa memória que é conservada nas páginas e que abre possibilidades para novas discussões e ideias. A partir disso, o autor enfatiza que

Conservar e transmitir a memória, aprender com a experiência alheia, compartilhar o conhecimento do mundo e de nós mesmos são alguns dos poderes e (perigos) que os livros nos conferem, bem como razões pelas quais nós os prezamos e tememos. (MANGUEL, 2006, p. 220)

Manguel defende que o ato da leitura precisa ser transformador para cada leitor, pois o poder dos leitores não está apenas em sua capacidade de associar informações, mas, sim, na possibilidade que existe de interpretar, associar e transformar cada leitura realizada. É muito importante perceber que nosso conhecimento não deve consistir no acúmulo de textos e informações, mas em toda a experiência que é gerada a cada página e que é novamente transformada em novas experiências e, como ele afirma, em palavras que vão refletir tanto o mundo exterior como o próprio ser do leitor.

Pensando a literatura na formação do sujeito, o que Manguel defende vai ao encontro do que Vigotski (1998) propõe sobre o papel do professor como mediador nessa aproximação das crianças com o mundo literário, tendo em vista que

O amor às bibliotecas, como a maioria dos amores deve ser aprendido. Ninguém que pise pela primeira vez num aposento repleto de livros saberá instintivamente como se comportar nem o que se espera, o que se promete e o que é permitido. (MANGUEL, 2006, p.13)

De acordo com essa perspectiva discursiva da educação, que tem como concepção a linguagem como forma de interação entre os sujeitos, o autor defende que a escola tem o papel de ampliar a experiência da criança, considerando que, quanto mais rica a experiência da pessoa, mais repertório ela terá disponível para imaginação e criação. O papel do professor é propor atividades que possam apresentar formas de produção e elaboração conjunta das crianças, provocando-as e orientando-as. Desta forma, é muito importante que o professor aproxime as crianças da leitura, para que, segundo afirma Vigotski (1998), aquilo que a criança faz com o outro ela possa fazer depois sozinha, regulando seu próprio comportamento.

No segundo capítulo do livro *“À mesa com o Chapeleiro Maluco”*, escrito por Manguel em 2009, intitulado: “Como Pinóquio aprendeu a ler”, é realizada uma associação da famosa história escrita por Collodi com aquilo que acontece na educação das crianças. O que o boneco vai experimentar nessa narrativa é muito parecido com a educação dos cidadãos, em que a principal pergunta levantada pelo autor é o que, de fato, significa aprender a ler na sociedade. Manguel vai ressaltar que “Pinóquio se transforma num bom garotinho que aprendeu a ler, mas jamais num leitor” (p.39), uma vez que aprender a ler estaria mais relacionado com um processo mecânico ligado ao código da escrita do que – o ideal – conhecer de maneira profunda, imaginativa e prática nossa identidade e a do mundo que nos cerca.

A nossa sociedade tem uma visão estagnada que associa os livros a dificuldade, como algo negativo. Como Manguel argumenta “numa sociedade em que as necessidades básicas do cidadão não são atendidas, os livros são um alimento pobre” (p.42). A escola vai seguindo uma lógica de preparar as crianças para ler apenas de maneira superficial, recitar o que foi lido como papagaios, ler esperando uma moral convencional, sem que seja proporcionado a elas uma experiência literária com profundidade, em que elas possam “entrar” no livro e explorá-lo até os seus (às vezes inalcançáveis) limites.

Vigotski (2004), expõe como as bibliotecas e os livros infantis são organizados de modo que a finalidade seja que as crianças tirem dos livros exemplos morais e lições edificantes. Dessa maneira, elas nunca são convidadas a descobrir, elaborar e criar as próprias respostas – se é que deve existir uma resposta –, uma vez que os professores já esperam e só consideram uma resposta como a única correta. Com isso, é ignorado o fato da diversidade de possíveis interpretações das vivências estéticas e que conserva o ponto de vista de que a percepção estética é uma vivência absolutamente passiva. Vigotski e Manguel defendem o contrário: a experiência literária deve ir muito além da simples decodificação, mas sim um momento que possibilite viver inúmeros sentidos, para que o ato de ler possa significar um tempo em que as crianças sejam estimuladas a expressar tudo aquilo que sentiram, compreenderam e interpretaram da leitura.

Manguel aborda, também, a Literatura do Oprimido (p.43). Segundo ele, essa literatura deve servir para “instruir, dar testemunho, afirmar o direito à existência de um grupo que a maioria detentora do poder da sociedade deseja ignorar ou eliminar” (MANGUEL, 2001, p.43). Como foi dito anteriormente, um livro possibilita infinitas leituras, porém é muito importante perceber que são os grupos que estão no poder que definem a leitura aceita e considerada como correta e que, na maioria das vezes, estão em oposição aos grupos explorados por eles.

O autor sustenta a ideia de que devemos nos preocupar e nos concentrar nos leitores e não nos escritores e seus escritos. Pensando no viés que nos interessa aqui, a educação, isso que o autor nos mostra é muito importante para pensarmos o desenvolvimento das atividades pedagógicas nas práticas escolares. É nas crianças, nos estudantes, nas pessoas que devemos

manter o nosso olhar, pois são eles que “farão algo acontecer”. A partir disso, ele vai concluir que “se essa educação do leitor não ocorrer, nenhuma quantidade de vozes novas mudará coisa alguma, porque elas ecoarão no meio de uma multidão surda” (p.214). É preciso uma educação que esteja preocupada em formar leitores que saibam procurar, interpretar, colocar em uma variedade de contextos, refletir e transformar aquilo que foi lido.

## **CONCLUSÃO:**

Para finalizar, de acordo com as ideias do escritor argentino, as práticas de leitura que são desenvolvidas no contexto escolar devem estimular que as leituras sejam subversivas (p.27), que os leitores transformem as palavras contidas nas páginas e se apropriem daquilo que foi lido – isso parte do pressuposto de que é um erro pensar na leitura como uma atividade meramente receptiva. Essa perspectiva dialoga com a crítica que Paulo Freire (1974) faz à concepção de Educação bancária, uma educação baseada no depósito de informação, em que os estudantes apenas reproduzem aquilo que foi passado; não há possibilidades de questionamento nem reflexão. Em contraposição, Freire defende a proposta de uma Educação libertadora, em que é estimulado o diálogo, a reflexão e a atribuição de significado àquilo que está sendo aprendido. Assim como Freire, Manguel defende que a leitura seja subversiva, para que ela seja capaz de formar pessoas críticas e preparadas para transformar o que foi lido em novos diálogos e sentidos.

O autor sustenta a ideia de que devemos nos preocupar e nos concentrar nos leitores e não nos escritores e seus escritos. Pensando no viés que nos interessa aqui, a educação, isso que o autor nos mostra é muito importante para pensarmos o desenvolvimento das atividades pedagógicas nas práticas escolares. É nas crianças, nos estudantes, nas pessoas que devemos manter o nosso olhar, pois são eles que “farão algo acontecer”. A partir disso, ele vai concluir que “se essa educação do leitor não ocorrer, nenhuma quantidade de vozes novas mudará coisa alguma, porque elas ecoarão no meio de uma multidão surda” (p.214). É preciso uma educação que esteja preocupada em formar leitores que saibam procurar, interpretar, colocar em uma variedade de contextos, refletir e transformar aquilo que foi lido.

## **BIBLIOGRAFIA**

- MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MANGUEL, Alberto. A biblioteca à noite – 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- MANGUEL, Alberto. A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MANGUEL, Alberto. À mesa com Chapeleiro Maluco: ensaios sobre corvos e escrivinhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- OLIVEIRA, B. P. de; CUNHA, R. C. O. B. À mesa com Alberto Manguel: contribuições da leitura literária na formação docente. Revista NUPEM, v. 5, n. 8, p. 103-121, 2013.
- OMETTO, C. B. C. N.; CRISTOFOLETI, R. C. A leitura da literatura como possibilidade de formação. Leitura. Teoria & Prática, v. 58, p. 1843-1851, 2012.
- VIGOTSKI, L. S. Pensamento e linguagem. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998
- VIGOTSKI, L. S. Psicologia pedagógica. 2. ed São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.